

Tempo Perdido:
LIVRO DE JOAQUIM

Tempo Perdido:
LIVRO DE JOAQUIM

Laura Malin

A

AGIR

Para minha mãe, Ana Maria, e meu pai, Mauro.

Amendoeiras

NÃO HAVIA NENHUMA NUVEM NO CÉU indicando que aquele dia seria diferente.

Pedalei até o porto, o vento me empurrando pelos dois quilômetros da estrada, ainda vazia, que cortam a ilha de Fernando de Noronha. Além da cor de turmalina que me recobria a cabeça de horizonte a horizonte, fundindo céu e mar num plano infinito, havia um cheiro distinto no ar. Um perfume remotamente familiar que eu não sentia há... bem, há muito tempo. Há 188 anos.

Cruzei com um ou dois conhecidos que me acenaram com as mãos calejadas, e apenas retribuí como fazia todos os dias. Freei a bicicleta perto do frigorífico. Uma nova ninhada de gatinhos miava, sentindo o cheiro de peixe que vinha lá de dentro. Suas perninhas esqueléticas mal sustentavam os esqueletos. Busquei na minha mochila o sanduíche que não tinha conseguido engolir, e quando o joguei ao gatinho mais próximo, um ruivinho com olhos de gente, ele agradeceu e dividiu com os irmãos.

Enxerguei Belinha dentro da agência, atendendo um grupo de turistas, e segui para o ancoradouro. O sol já havia deslizado um ou dois graus rumo ao meio do céu desde que eu saíra de casa.

Eram sete da manhã quando comecei a preparar a escuna para a chegada do grupo: afastei a gordura da maresia das superfícies lisas; separei os coletes salva-vidas timidamente mo-

fados; chequei o motor e o carregamento de bebidas e senti novamente aquele cheiro que viajava de algum lugar distante da ilha até dentro de mim. Sim, era o perfume dela.

Vislumbrei Marujo, meu funcionário, subindo com os turistas no ancoradouro. Vieram, ao todo, vinte e três deles. Notei uma mãe com uma filha especial, um casal emburrado e uma fotógrafa com a sua assistente translúcida, que mais parecia uma caraúna: os dentes projetados para frente e os olhos miúdos e perdidos no excesso de luminosidade. A fotógrafa, escondida debaixo de um chapéu de largas abas e de uma gigante máquina fotográfica, era a dona do tal perfume.

Na hora de embarcá-las, nossos olhares se encontraram, não com timidez, mas com uma curiosidade bissexta. Toquei seu braço para ajudá-la a subir no barco e senti cada um de seus poros se fechar.

Foi então que enxerguei seu rosto. Ela tinha traços agudos, como se marcados a lápis — era, sem dúvida, uma mulher desenhada por Picasso. Possuía, ao mesmo tempo, as feições mais impressionantes e familiares do mundo. Seus olhos tinham a profundidade de um oceano e, ainda assim, rasgavam o rosto, raso, com doçura. Seus cabelos longos, de um mel dourado, abraçavam seu corpo.

Emudeci com a beleza daquela mulher cujo cheiro andava à frente. Na minha memória imperfeita eu não conseguia distinguir se aquele rosto era apenas absolutamente inédito ou se era o indecifrável rosto de Leah.

Pilotei a escuna até a Baía dos Golfinhos, onde ficamos em silêncio esperando por sua dança. Mas meu olhar não se desviou do foco: a fotógrafa, escondida atrás da própria moldura, mais interessada em ver do que em ser vista. Subi até o segundo andar do barco, de onde ela clicava, e ouvi, apesar do silêncio reinante, meu coração no compasso dos golfinhos.

Sem avisar, ela tirou algumas fotos de mim. Levantou a aba do chapéu, sorriu.

— Você se importa?

Nos olhamos sem graça. Foi como se nos conhecêssemos há milênios, e eu pude prever, em uma fração de segundos, um futuro para nós.

Certo que a ansiedade, a solidão e o excesso de mergulhos noturnos me corroíam por dentro há tempos, e a primeira fêmea que olhasse nos meus olhos faria rodar meu coração. Mas aquela mulher exuberante me remetia ao passado apenas com seu odor.

— Joaquim? — ela perguntou, com uma intimidade desconcertante na voz.

Eu me espantei, como ela sabia o meu nome? Verdade, eu havia me apresentado ao grupo, ao começo do *tour* — mas o que a teria feito reter este pedaço tão insignificante de informação?

— Tira uma foto minha? — E sorriu novamente, e seu sorriso expandiu meu coração de forma inigualável. Forcei mais a memória, que insistia em sua inexatidão, borrando como uma catarata a lembrança guardada daquele possível rosto.

Tirei a foto. Queria ter tirado uma com o meu celular, para tentar recuperar suas feições mais tarde, mas não tive coragem de pedir. Ela se sentou ao meu lado, agradeceu com um olhar comprido e exato, e mirou em direção à ilha do Morro do Leão.

— Primeira vez na ilha? — arrisquei.

Ela fez que não com a cabeça.

— Tem muito tempo... — E sorriu, sem se preocupar em gastar sua alegria, como quem guarda muito mais para usar em ocasiões ordinárias como aquela. — Você faz mergulho noturno? — E enfim evitou o meu olhar, como se, num piscar de olhos, sua identidade secreta estivesse a ponto de ser revelada.

— Faço, sim — foi, estupidamente, tudo o que consegui dizer.

— E se eu quiser ir fotografar, é possível?

— Acho que hoje vai estar legal pra descer na Ressureta, só vai depender se vai ter grupo.

— E se não tiver grupo? Tem individual? — ela perguntou, sem a menor malícia na voz, apenas com aquela combinação fatal de perfume e sorriso.

— Podemos combinar, sim. Sua amiga não quer ir?

— É minha assistente, mas ela, coitada — e apontou para a menina que estava no primeiro andar, mais verde do que musgo —, ela enjoa fácil, sem condições.

Rimos e calamos, acho que de nervoso. E, do nada, ela pegou a máquina e clicou uma foto nossa onde o meu encanto e o seu perfume, com certeza, seriam revelados mais tarde.

— Você se importa?

— Não, mas vou querer uma cópia...

— Fechado — se limitou a dizer.

— Qual é o seu nome?

— Sylvia. — Seria Sylvia outra maneira de se dizer Leah?

— Você é fotógrafa profissional?

Ela fez que sim com a cabeça e aproveitou para perguntar:

— Posso ir sozinha? Contigo?

A cena logo me veio à cabeça: eu e ela num mergulho noturno, sozinhos, meu coração na boca, lutando para dar passagem ao indispensável oxigênio, e ela sorrindo e transformando as coisas mais banais em versos no meio do silêncio do oceano.

Enquanto isso, sua assistente lançou um pedido de socorro, e, sem mais nem menos, Sylvia desceu ao primeiro andar. Quando a procurei para uma resposta, notei apenas o resto dos cabelos longos balançando escada abaixo. Por estar desconcertado, não tive como segui-la. Avistei um casal enroscado na Baía do Sancho, respirei fundo e desci.

Ajudei a assistente enjoada, deitando-a no chão, de barriga para baixo. Marujo rumou para a Ponta da Sapata, e fui para a proa dar explicações sobre o local. Fiquei sem graça, não com os outros 22 turistas me olhando, mas com ela evitando o meu olhar. Engoli algumas palavras, que tive de repetir, e foi então que notei o suor brotando nas palmas das mãos, tão cheias de mapas quanto o próprio recorte da Sapata.

Quando acabei de falar só pensava que precisava, ao menos, vê-la novamente. Peguei um cartão da minha agência de turismo e anotei o número do celular.

Guardei no bolso, sem coragem, como um menino tolo e fascinado pela pipa mais bonita do céu, querendo-a muito para ele porque o faz lembrar de sua primeira pipa.

Não cruzamos sorrisos nem olhares até pararmos na Praia da Biboca para escutar o rugido do leão, como de costume. De todos os turistas presentes no barco, Sylvia foi a que teve a reação mais natural, como se aquele leão que rugia, preso na caverna vulcânica, fosse um antigo amigo.

Pouco depois aportamos. Tomado por uma covardia ímpar, resolvi não desembarcar os turistas, me escondendo na cabine de comando e deixando Marujo executar a tarefa com os funcionários do porto. Nem sequer levantei os olhos para ver Sylvia, tive medo do seu olhar, tive medo do que ela representava para mim. Amassei o cartão no meu bolso, chateado.

Permaneci no barco por mais duas horas, tentando resgatar seu cheiro, palpando a madeira dura onde ela havia se sentado, seguindo seu sorriso perdido nas rajadas de vento. Por mais que eu negasse, uma coisa era certa: Sylvia tinha aberto a minha amendoeira interna.



NA SAÍDA DO ANCORADOURO, uma surpresa: o gatinho ruivo me esperava. Roçou minha perna e deu uma volta. Peguei-o no colo e decidi mudar seu destino. Batizei-o de Fogo. Achei, por um momento, que ele podia me acalmar em relação àquele perfume que havia cruzado o horizonte. Achei.

Em todo o meu tempo de vida, que é vasto e abundante, eu nunca tive, sequer, um animal de estimação. Desde cedo aprendi, com meu pai, a simplificar as coisas: poucos amigos, bons livros e uma única mulher por vez. Comer e beber até a saciedade. Uma vida pacata e completa. Não foi bem assim que aconteceu, mas guardei traços desta primeira lição, tanto que

a vida que eu levava desde que desembarcara em Fernando de Noronha, mais de uma década antes, em maio de 2001, seguia essa cartilha.

Foi quando comecei de novo, do zero, meu sétimo ciclo de vida. Abri uma pequena agência de turismo com o sugestivo nome de Estrela Cadente e larguei a vida desgastada e reprimida que levava em São Paulo. Aprendi a contemplar o simples e essencial naquela ilha que era meu começo e teria que ser, de alguma maneira, em algum ponto específico do tempo, meu fim.

Quando me perguntavam de onde eu era, não sabia responder. Sou do mundo, dizia, esperando que isso fosse geográfico o suficiente para me colocar em algum ponto do globo terrestre. De fato eu acreditava que não era de lugar nenhum, era apenas um homem solto no tempo e no espaço.

Só depois de voltar a morar na ilha mágica fui descobrir que pertencia, sim, a algum lugar. Eu era do mar, eu era da ilha, e, por mais que tentasse apagar o meu passado, estava tão presente nele quanto a espuma nas ondas.

Durante anos corridos achei que minha briga fosse apenas com o tempo: aquele que me açoitou e parou para mim. Tenho a mesma idade há muitos anos, décadas que não cabem nos dedos: tenho 27 anos, vividos à exaustão. Nasci em 1797 e cresci normalmente até 1824. Daí em diante, todos os anos meu corpo completou os mesmos 27 anos, sem envelhecer ou ser capaz de se reproduzir.

Nos meus ciclos de vida tive várias mulheres. Mas só tive um amor. Leah. Que não vejo desde que o ano de 1824 foi gravado em todas as células do meu corpo. De tempos em tempos, ela apareceu estampada em outra mulher. Sem conseguir me lembrar dos detalhes de seu rosto, eu reinventava seus traços, confundindo-os com os de amores mornos e paixões descartáveis. Sempre munido da constante esperança de encontrá-la; ou esquecê-la.

Ao segurar o gato no colo, meu medo e fascínio eram saber que, no sorriso de Sylvia, eu havia descoberto o sorriso de Leah.

Caminhei até a agência, onde avisei a Belinha que, se alguém perguntasse sobre o passeio noturno, ela podia confirmar e dar o número do meu celular.

O resto do dia passei conferindo se o aparelho tinha sinal suficiente para receber o tão aguardado telefonema de Belinha, que nunca chegou. À noite, já com um desânimo bobo na alma, deixei minha casa e fui esperar ninguém no ancoradouro.

Devo ter ficado ali, dentro da escuna, por talvez duas horas quando senti fome suficiente para deixar o posto e desistir daquilo. Enfronhando-se em meu pensamento estava a possibilidade de encontrá-la no Cachorro, o único ponto noturno da ilha. Fui para lá sem fingir pressa, no meu *buggy*, e cheguei mais rápido do que podia.

Nem ela, nem seu perfume estavam presentes. Sentei com Tião, um ilhéu alto e fino que mergulhava na apneia. Ele estava voltando do mar.

— Tá uma coisa de louco, vixe, lá embaixo. Transparente, bão demais — exclamou, e aquilo me puxou, suas palavras me puxaram para o oceano e não cheguei a engolir o resto da pizza que tinha pedido, e nem esperei pelo forró, que só começaria depois das onze horas.

Assim, voltei direto ao porto e liguei a escuna com urgência. Vesti meu macacão, chequei o oxigênio e parti rumo à Ressurreta. Embaixo do mar era o único lugar onde a paz me abraçava. Onde meu coração conseguia captar o ritmo marinho e se abastecer de calma.



A SENSACÃO DO CARINHO DO VENTO, no mar escuro, foi me acalmando, como se um pedaço de mim estivesse à espera do meu resto. Apenas depois de muitos anos de busca compreendi que não há, no mundo, lugar mais seguro do que o mar. Não para mim.

Ancorei o barco e mergulhei com vontade de enxergar as cores no breu. Fui descendo e vendo passar um cardume de incansáveis barracudas. A cerca de dez metros cruzei com um polvo vermelho que tinha saído para caçar. Sou meio polvo, eu também: ele e seus oito braços, eu e minhas oito vidas.

Três metros abaixo, avistei uma lagosta dançando balé, e a esta profundidade comecei a escutar meus órgãos em compasso com o mundo submarino. Senti que o estômago se descontraíu e eu precisei de menos oxigênio para continuar. Levantei até o Buraco das Cabras, desci mais alguns metros e senti um puxão. Nada físico, apenas uma estranha energia. Havia, em algum lugar que eu ainda não podia precisar, uma coisa se mexendo de maneira diferente. Uma faísca que me fez olhar na direção contrária à do meu corpo.

Vislumbrei uma luz fraca e agitada. Como se um budião tivesse engolido uma vela que lhe queimasse a boca impedindo-o de fechá-la. Me aproximei com cuidado, a luz foi ficando mais forte, vinha em relâmpagos e ofuscou minha visão. Com isso, demorei a entender o desenho da cena: havia um mergulhador com uma das nadadeiras presa em uma pedra, gesticulando que seu oxigênio estava no fim. Para atrair a minha atenção, ele tinha começado a disparar flashes com sua máquina subaquática.

O pânico do momento foi tão grande que eu não parei para pensar. Corri para socorrê-lo, dividi meu oxigênio e tentei soltar a nadadeira, mas percebi que seu pé estava preso e inchado. Talvez houvesse algum osso quebrado.

Consegui mover de leve a pedra, mas raspei o braço num coral e um filete de sangue despreendeu-se. O mergulhador me cutucou, avisando que um tubarão-branco nos rondava. Eu já estava ficando sem oxigênio e tive que puxar de novo o respirador para mim. Foi então que o mergulhador disparou mais uma tempestade de flashes, assustando o predador.

Finalmente consegui soltar seu pé da nadadeira. Subi os dezesseis metros ainda sem enxergar, por causa dos disparos. Revezamos o oxigênio, e, de mãos dadas, enquanto eu o

puxava, entendi que o perfume estava de volta, abafado pelo iodo do mar.

Quando emergimos, eu já sabia o que havia acontecido. Nadamos calados até o barco. A lua, crescente, não ajudava, mas eu já não precisava de luz para entender quem era.

Subi primeiro no barco e puxei sua mão. Ela veio e jogou-se no chão. Enfim tirou o *snorkel* do rosto. Era Sylvia.



NO BARCO, SYLVIA ADORMECEU. Seu pé estava muito inchado e levei-a até o porto, e de lá à Floresta Nova. Em mais de dez anos naquela ilha, eu havia levado muitas mulheres para casa — mas nenhuma com aquele perfume.

Sylvia dormiu em minha cama como se conhecesse as dobras do lençol. Ao enrolar gelo no seu pé, pude examinar sem vergonhas suas veias nuas e as unhas redondas. Senti em meus dedos o viço da pele jovem, devia ter no máximo vinte anos.

Durante o sono, remexeu-se, incomodada. Murmurou coisas numa língua que não pude entender. Passei a noite andando de um lado para o outro, tentando enxergá-la, apesar de seus olhos cerrados. O que via, no entanto, era uma alamoia estirada em meu leito, me pedindo coisas em esperanto.

Sylvia tinha uma leve semelhança com o que eu lembrava de Leah. Podia, sim, ser que fossem a mesma. Como eu saberia? Nosso encontro havia se dado há tantas décadas atrás, apenas o sorriso solto e o perfume único haviam ficado gravados na memória.

Procurei o jornal para ter certeza do calendário: 21 de dezembro de 2012. Fazia 188 anos do nosso encontro, naquela mesma ilha. Com esse espaço de tempo, de quase dois séculos, era possível que qualquer miragem se formasse na minha vista, multiplicando ilusões e visões borradas do passado.

Em sete ciclos, eu procurei Leah por onde fui. A esperança de reencontrar a mulher da minha vida sempre irrigou a tal amendoeira que ela própria havia plantado dentro de mim. Houve invernos e outonos, mas houve também algumas primaveras, quando seus galhos estiveram frondosos o suficiente para que eu me transformasse num jardim.

Em alguns momentos fui levado, pelo desânimo de uma vida sem fim, a acreditar que Leah estivesse morta. Outras vezes, durante alguns verões internos, tive a certeza de que, como eu, ela era imortal.

Sylvia ajeitou-se, inconsciente e adormecida, no meu travesseiro. Vi seu cheiro espalhando-se irremediavelmente pelo quarto. O sol iluminou-a como se fosse uma versão moderna de Leah. Ou o grande astro me enganava, ou eu estava diante do final das angústias e do início do resto de minha vida.



QUANDO SYLVIA ACORDOU, senti com nitidez a minha burrice: enquanto o sol dormia eu havia aceitado a possibilidade de que ela fosse Leah. Poucas horas, apenas, haviam sido suficientes para fazer um homem de 215 anos acreditar, mais uma vez, no impossível.

— Joaquim? — Ela me olhava, confusa, com aquela intimidade desconcertante.

— Sim? — Sorri.

E me encarou com a força de um touro, sem falar nada nem achar que devia falar. Nenhum constrangimento. Uma energia quase que marítima, onde as palavras valem prata e o silêncio vale ouro.

Ela estendeu a mão e puxou a minha, os dedos se confundiram, ligando nossas energias, e suspirou, apenas, “Obrigada, você salvou minha vida”, e todo meu encanto se desfez. Se ela

fosse Leah, jamais diria aquilo, a não ser que fosse hipócrita: Leah, se estivesse viva, seria imortal e não precisaria ter sua vida salva. A não ser que...

— Você não devia mergulhar sozinha — resmunguei, afastando a mão.

— Nem você. — Sylvia levantou-se, esqueceu-se do pé machucado e, quando o plantou no chão, sentiu uma fisgada de dor que percorreu seu corpo até franzir a testa. Sentou novamente.

— Fique aí, vou te trazer um café e depois te levo ao posto de saúde.

— Não precisa — se limitou a dizer, enquanto descobria a vista que se alargava na janela do meu quarto, revelando a Enseada da Caieira. Havia algo de estranho e duro em suas palavras.

Fui até a cozinha e trouxe, numa bandeja, um café da manhã que tinha preparado. Pousei a bandeja em seu colo e cheguei perto o bastante de sua boca para querer beijá-la. Minha frustração foi se dissipando, como areia em vendaval, à medida que ela e eu trocávamos olhares silenciosos. Ousei colocar o guardanapo em cima da sua blusa.

— Acha que sou uma criança? Uma menina mimada? — ralhou, puxando o guardanapo para si.

— Uma eterna adolescente? — E vi quando ela arregalou os olhos, vi o susto, quase que ouvi seu sangue pulsando nos pequenos e delicados vasos capilares.

Sylvia apenas me encarou, calada, enquanto devorava seu café da manhã. Eu fui até a janela, disfarçando. Lancei, a braçadas, o maior olhar que pude na enseada. Me veio a imagem de Leah, e um sentimento: a minha Leah era mais doce do que Sylvia. Meiga, dezessete anos congelados num sorriso de menina. Leah não tinha a aspereza de um teju, era doce como um pôr do sol. Macia, intensa, viva, pronta a descobrir, sem defesas, uma primavera. Minha flor.

O tempo, provavelmente, a teria mudado, endurecido e criado aquela casca que revestia Sylvia. Eu também tinha minhas cascas, afinal. Se houvesse, lá embaixo, a essência de Leah, eu

a encontraria com o tempo. Era uma questão de paciência — e eu, cansado demais, já não dispunha dela dentro de mim.

— Joaquim? — Seus olhos tinham mudado de cor. — Olha, me desculpa, eu fui grossa com você. Eu... eu tenho essa carcaça, essa couraça; para me proteger acabo tratando as pessoas mais legais com... — Por um momento, Sylvia procurou a palavra que queria. — Com aspereza. Às vezes, parece até que eu virei um desses lagartos que vivem por aí... esses que dominam a ilha... — E me olhou, procurando, mais uma vez, a palavra.

— Um teju — completei, já boquiaberto. Será que Sylvia havia lido o meu pensamento?

— Isso, às vezes eu pareço um teju, cascuda pra caramba. — Ela sorriu, rasgando com os olhos seu rosto, mais linda do que antes.

— Você parece muito jovem para se sentir dura como um teju — balbuciei, sentando ao seu lado.

Olhei de perto seus detalhes: os dentes brancos, lábios largos, simétricos, e ela sorriu para mim; seus olhos azuis eram tão infinitos que me joguei lá dentro.

A ausência de palavras reinou novamente. Antes que eu pudesse raciocinar ou frear, ponderar ou resistir, impedir ou fugir, encontramos as bocas, e segurei seu pequeno corpo como se ela fosse uma pérola, e eu a concha.



ACORDEI COM O MIADO DE FOGO. Como se precisasse comer, aquele ser raquítico zanzava de um canto para o outro da cama. Demorei para entender que ele não estava atrás de comida, só queria me avisar que Sylvia havia partido.

Pela janela vi o fim de tarde morno encher de purpurina o horizonte. Procurei em volta da cama, e a única coisa que encontrei foi seu perfume pairando sobre o lençol e os travesseiros.

ros. Sua ausência. Não estava mais lá, tinha ido embora — ou nunca tinha estado, nunca tinha sido?

Tonto, me levantei à procura de uma pista, mínima que fosse, um detalhe, algo de mais palpável do que ausência e perfume. Um bilhete, talvez? Palavras de amor escritas com um batom vermelho no espelho do banheiro? Palavras de consolo na porta da geladeira? Um chiclete amassado no cinzeiro ou um maço de cigarros vazio?

Tive medo de que fosse um delírio. Se eu perguntasse, ninguém a teria visto: tudo aconteceu de madrugada. Sem testemunhas, sem chances. E, numa ilha forrada por lendas, eu não seria o primeiro delirante a imaginar ter salvo uma sereia na Ressurreta.

Revirei com urgência o apartamento. Um fantasma? Como poderia ser um fantasma se eu fechava os olhos e lembrava das tatuagens gravadas em sua pele? Se eu sentia sua pélvis no meu vaivém; se via os seios fartos e hipnotizantes conversando comigo poucas horas antes? Tudo vivo, trêmulo e suado; nítido, impávido e verdadeiro.

Procurei nos olhos minúsculos de Fogo a única testemunha. Um sinal de que Sylvia era real, de que existia e de que tinha estado ali. Respirei e por fim esbarrei na verdade: no canto da mesa, a caixa de remédios estava aberta, prova do curativo que eu havia feito em seu pé. O copo de água e a bandeja do café da manhã também esperavam o encontro do meu olhar impaciente. E, enfim, no guardanapo sujo, um recado: *Estou na Pousada Velha. Sylvia.*



ANTES DE PARTIR PARA MERGULHAR NO SUESTE, deixei um recado na pousada de Sylvia. Ela tinha saído, mas de fato estava hospedada lá. Fiquei tranquilo ao entender que aquilo era um começo, e não uma história descabida que começa pelo fim.

Permiti minha dissolução naquele mar de dezembro, mergulhando a cabeça na água morna e me deixando ficar. Soltei meu corpo, senti cada músculo das costas sendo acariciado pela superfície lisa e alongada, e olhei para o céu. As primeiras estrelas começavam a brilhar.

Pensei no dia anterior e em tudo que havíamos vivido. Lembrei do primeiro sinal de sua chegada, o cheiro que, com o vento, adiantou-se para mim. Lembrei de seu rosto escondido pela aba do chapéu, de sua voz desconcertante, da minha covardia em não desembarcá-la. Do seu desespero a dezesseis metros de profundidade, das nossas mãos grudadas, suando, na subida; do momento exato em que retirou o *snorkel*.

Lembrei de como o sol matutino iluminou seus cachos depois que fizemos amor pela primeira vez. E de como, com uma boca de menina, ela sorriu um sorriso de mulher. E olhou meiga para mim, quando eu juntei seus cabelos para que ela deitasse em meu peito. Havia no fundo de seus olhos uma vivência madura.

Enquanto eu boiava e o céu trabalhava incansável, revelando novos astros antes imperceptíveis e escurecendo aquela ilha com magia, eu me convencida de que cada um daqueles pequenos sinais podia, tranquilamente, ser confundido com minúsculos delírios meus. Havia espaço, dentro da minha caixa de Pandora, para que a possibilidade de ela ser Leah continuasse me cutucando com seus galhos.

Sylvia possuía um corpo de menina, os seios em constante alerta, a coluna arqueada, fazendo com que a barriga saltasse à frente, indicando o caminho que se devia tomar para percorrer seus segredos. Suas tatuagens ainda me eram incompreensíveis: via borboletas voando e nomes estrangeiros escritos sem suspeitar que eram pistas importantes. Sylvia não tinha sinais do tempo. Podia ter apenas dezessete anos, idade de Leah quando nos conhecemos. Era o seu comportamento de mulher que me confundia.

No tempo em que estivemos juntos, falou o mínimo possível, com os lábios quase selados. Como se guardasse um medo,

como se sua beleza empírica pudesse revelar mais do que sua voz. E se ela estivesse me testando? E se, cada um a seu modo, estivéssemos tentando reconhecer o outro? E se realmente ela fosse Leah e estivesse procurando em mim aquele Joaquim de quem nem eu mesmo lembrava mais?

O céu já estava completo quando resolvi visitar nosso passado e quem eu fora quando a conhecera: apenas o mortal Joaquim Henrique Castro Nunes.